

CRENÇA & LETRAS

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

P.º Antonio Hermano

DA
Dirrecção do Collegio Vimaranesse

DE

S. DAMASO

Redacção
e Administração:
Collegio
de S. Dámaso
Guimarães

Anno 600 rs.

Os artigos
aqui insertos são
da responsabilidade
dos signatarios

Os originaes devem
estar na redacção
até o dia 20 de
cada mez.

Summario — Instrucção e Criminalidade, *A. Coelho*—Memento (poesia), *A. Moreira Bello*—Poemetos, *Henrique Gomes*—Os systemas phrenologicos, *P.º Antonio Hermano*—Acta Mensis, *A. H.*

ACTA MENSIS

Publicações

Tagilde (Memória historico-descriptiva) por *Oliveira Guimarães* (Abade de Tagilde). Logo na primeira pagina nos elucida o muito erudito auctor quanto ao intuito d'esta importante publicação.—«Desde muito», diz elle. «que colligimos os materiaes para a historia de cada uma das setenta e seis freguezias de que se compõe a parte rural do concelho de Guimarães, que devidamente organisados, publicaremos opportunamente como complemento dos dois volumes, que sob o titulo *Guimarães*, apontamentos para a sua historia, publicou em 1881 o nosso finado amigo *P.º Antonio J. F. Caldas*. A Memoria que hoje publicamos, é um specimen do projectado trabalho, não devendo levar-se a mal a preferencia, que demos ao assumpto de que ella se occupa».

Pareceu-nos um modelo no seu genero: trabalho completo, vasado na mais sobria e correcta linguagem.

E' um excellente specimen.

Influencia dos Papas e dos Arcebispos de Braga sobre a instrucção em Portugal. (*Discurso proferido em Braga na Academia litteraria realisada a 16 de maio de 1893, no Seminario de Santo Antonio e S. Luiz Gonzaga*) por *Oliveira Guimarães* (Abade de Tagilde).

Na pag. 9 d'este copioso discurso lê-se: «Um dos nossos mais vigorosos jornalistas, não duvidou dar curso n'uma das suas obras de propaganda, á seguinte affirmativa: «onde o catholicismo pôde crear fundas raizes, as populações permanecem e permanecem ainda embrutecidas».

«Nada mais opposto á verdade historica, nada mais contrario á lição dos factos; e quanto a Portugalahi estão tantos e tão importantes documentos, registrados e guardados nos nossos archivos, que são, quando consultados á luz da sã critica a refutação peremptoria de asserção tão infundada».

De taes palavras se vê claramente a these que o auctor desenvolveu com a larga proficiencia d'um investigador sabio e criterioso.

Guia do Viajante em Braga por *Azevedo Coutinho*. Contem noticias historicas sobre templos, monumentos, sanctuarios, etc., e indicações muito uteis a quem de-sejar conhecer a formosa capital do Minho.

Boletim da Sociedade Martins Sarmento. Temos recebido alguns numeros d'este Boletim. Insero publicações de muita utilidade. No ultimo depara-se nos o magnifico relatorio que o Director da Escola Industrial «Francisco d'Hollanda» dirigiu ao reitor do Lyceu Nacional de Braga. Frisala com muita justeza o estado da Instrucção Primaria no concelho de Guimarães e os melhoramentos de que mais carecida está.

A Mestra de Chantepot por *Mary Floran*, traducção de *Alfredo Campos*. D'este livro diz o illustre traductor n'uma dedicatória que d'elle faz a sua filha.

«Este livro encerra uma lição tão formosa e tão salutar além d'outras bellezas que contem, que, traduzindo-o me lembrei desde logo de ti para que não deixasses de colher os suaves perfumes das flores d'esta obra. Verás como é bonito o livro, attrahente o entreccho e moral o pensamento que o creou».

Da pureza de linguagem é boa garantia o nome consagrado de Alfredo Campos. A *Livraria Escolar Editora*, de Cruz & C., bem merece por lançar á circulação livros assim.

Almanak de Braga, para o anno de 1895. A circular que temos á vista diz-nos estar já em preparação esta importante publicação, de que é auctor Azevedo Coutinho e editor Laurindo Costa.

As condições para a publicação d'annuncios são muito favoraveis.

Lector.

O artigo

«*Instrucção e criminalidade*» é transcripto da «*Revista dos Lyceus*».

Associação de S. Luiz

Realizou-se a sessão correspondente ao mez de junho.

O m. d. Presidente Nato fez em breves palavras a historia de sua gerencia, expoz o estado financeiro, disse porque não podéra elaborar o relatorio tão prouptamente como fóra seu desejo; notou os progressos que se fizeram e as difficuldades com que se luctou; consignou o seu agradecimento ás pessoas benemeritas, cujos serviços á Associação mais distinctos se tornaram; apresentou á Assembleia a rica bandeira para a qual tantos dos associados haviam generosamente concorrido com o seu obulo; referiu-se á eleição e á nova meza e disse que estava convicto de que os briosos sentimentos dos neo-eleitos eram esperanza e garantia de que seriam muito devotados á bella Associação a cuja gerencia seus companheiros os chamaram.

Tomou tambem a palavra o sur. Henrique Gomes agradecendo á Assembleia o muito interesse que por si tomara por occasião de sua doença e chamando a attenção dos socios para a bandeira que alli se desfraidava como para uma prova eloquente que quanto se consagrava ao progresso da Associação a meza cujos poderes iam findar.

Em seguida procedeu-se á entrega da meza. A cada um dos novos mezarios era imposta pelo seu antecessor a fita e a medalha enquanto salvas de palmas festejavam a investidura.

Constituida a nova meza, o d. Presidente Souza Moreira leu um formoso discurso em que muito conceituosamente demonstrou a utilidade das Associações e protestou o grande desejo que tinha de trabalhar corajosa e briosamente pelo progredimento da Associação de S. Luiz.

Levantou-se a sessão seguindo-se logo o leilão das prendas que alguns collegias haviam offerecido.

Socius.

Ferias

Principiam as ferias para os alumnos d'este collegio no dia 26 de julho.

Os exames

Ha quatro annos que o collegio de S. Dámaso em todas as epochas d'exames tem provado que vale muitissimo sob a feição litteraria. Na verdade nenhum collegio de fama ou velha ou recente tem excedido ou mesmo egualado este.

A lista d'exames que hoje expomos á consideração dos leitores é mais uma prova muito demonstrativa do que asseveramos. O collegio de S. Dámaso não tem necessidade de elogios espaventosos ou de reclamos muito sonoros para chamar a si a boa fama e o favor do publico. O seu melhor elogio é a estatística de seus exames, é o avultadissimo numero de approvações e **distincções** e a insignifiantissima percentagem de reprovações. E digo que tal elogio é o maior e o melhor a que um collegio póde aspirar porque n'elle vae, como todos veem, uma fiel contra-prova de que no collegio ha muita ordem, muita disciplina e uma vigilante convergencia de esforços assiduos para que os estudantes adiantem o mais que possam e as familias não sacrificem em vão o seu dinheiro. Até hoje, desde que o collegio foi creado, não temos a registrar senão uma serie continuada de triumphos e nunca desastre algum d'esses que são vulgares em outros collegios. Isto nos consola, pois vemos que o nosso muito trabalho tem sido fecundo e abençoado por Deus.

Lista dos exames no anno lectivo
de 1893-1894

INSTRUCCÃO PRIMARIA

Professores

P.º Firmino da Silva Braro
P.º Hermano Amandio M. de Carvalho

Examinandos

Abilio Martins Ferreira Torres (*Louzada*)
Adelino Rebelo Pinto Bastos (*Fafe*)
Albano Lopes Leite de Faria (*Felgueiras*)
Amadeu de Souza Magalhães (*Ribeira de Pena*)
Antonio Fortunato da Silva Bastos (*Guimarães*)

Antonio José de Faria Azevedo (*Fafe*)
Antonio Leal Moreira de Sá e Mello (*Porto*)
Antonio Teixeira de Faria Andrade (*Guimarães*)
Arthur José Gonçalves Capella (*Basto*)
Domingos da Costa (*Vizella*)
Eduardo d'Almeida Junior (*Guimarães*)
Eugenio de Campos Amaral (*Braga*)
Gonçalo Lopes Leite de Faria (*Louzada*)
José Figueiras de Souza (*Guimarães*)
Manoel Joaquim de Faria Azevedo (*Fafe*)
Manoel Moreira Breton (*Villa do Conde*)
Bento Coelho da Silva (*Paranhos*)
Antonio José Henriques Coutinho (*Feira*)
Alvaro Ribeiro Sampaio (*Guimarães*)
Alfredo Mendes da Silva (*Guimarães*)
Adriano Dias d'Oliveira (*Lanhoso*)

App. 21 — Rep. 1

PORTUGUEZ

Professor—P.º A. Henrique Gomes

Examinandos

Abilio Cerqueira da Rocha Miranda (*Felgueiras*)
Adelino Ribeiro Jorge (*Guimarães*)
Abel A. de Freitas Torres (*Guimarães*)
Abraão Mauricio de Carvalho (*Mirandella*)
(*distincto*)
Acacio Jorge Guimarães (*Braga*)
Albano Mendes de Oliveira (*Fafe*)
Alfredo Mendes da Silva (*Guimarães*)
Alvaro R. da Costa Sampaio (*Guimarães*)
Amílcar Barca Martins da Cruz (*Angola*) (*distincto*)
Annibal de Mesquita Guimarães (*Porto*)
Antonio Estevão Leite de Faria (*Felgueiras*)
Antonio de Freitas Torres (*Vizella*)
Armando M. Pinto Rodrigues (*Vizella*)
Casimiro Theodoro da Silva (*Villa do Conde*)
Domingos da Costa (*Vizella*)
Elias Gomes (*Famalicao*)
Florencio Leite Pereira de Souza Lobo (*Fafe*)
Gonçalo M. Bourbon Sampaio (*Guimarães*)
João Ribeiro de Faria (*Guimarães*)
José Casimiro da Costa (*Braga*)
José J. D. Fortuna e Silva (*Maia*)
José Martins Gomes (*Santo Thyrso*)
Manoel José Martins (*Santo Thyrso*)
Luiz Alves Carneiro (*Chaves*)

App. 23—Distinctos 2—Rep. 1

INGLEZ

Professor—P.º Antonio Hermano

Examinandos

Alberto Ribeiro Jorge (*Guimarães*)
Aguilar Teixeira da Costa (*Felgueiras*)
Alberto M-rio de Sousa Costa (*Villa Real*)
(*distincto*)
Albano José Peixoto (*Felgueiras*)
Altino da Costa Maia (*Maia*) (*distincto*)

Arildo Candido Martinó (*Guimarães*)
 Antonio M. de Pinho e Souza (*Porto*)
 Antonio Luiz da Silva (*Felgueiras*)
 Antonio M. do Amaral e Freitas (*Guimarães*)
 Arnaldo Vieira Neves da Cruz (*Maia*)
 Arthur A. Pacheco Dias Freitas (*Vizella*)
 Aureliano Armindo Almeida S. Leite (*Fafe*)
 Francisco Xavier Alves da Rocha (*Ribeira de Pena*)
 José da Freitas R. de Faria (*Vizella*)
 José Ribeiro Vieira de Castro (*Fafe*)
 José Torres (*Viana*)
 Manoel B. Araujo Abreu (*Guimarães*)
 Manoel Francisco Sol (*Maia*)
 Nicolau da Arrochella V. A. Sodrê (*Chaves*)

App. 18—Distinctos 2—Rep. 1

GEOGRAPHIA

Professor—P.^o *Hermano Amandio*

Examinandos

Abilio Antunes d'Azevedo (*Villa do Conde*)
 Albano José Peixoto (*Felgueiras*)
 Alberto M. Sampaio Bastos (*Guimarães*)
 Alfredo Teixeira Machado (*Barrosas*)
 Altino da Costa Maia (*Maia*) (distincto)
 Antonio Annibal de F. Coutinho (*Amarante*)
 Antonio Augusto d'Oliveira (*Barrosas*)
 Antonio M. do Amaral e Freitas (*Guimarães*) (distincto)
 Arnaldo Vieira Neves da Cruz (*Maia*)
 Arthur A. Pacheco Dias Freitas (*Louzada*)
 Gaspar A. Pereira Guimarães (*Louzada*)
 Herculano Xavier de S. Guimarães (*Guimarães*)
 João de Faria Soares d'Almeida Queiroz (*Louzada*)
 Joaquim Alves Carneiro (*Chaves*)
 Joaquim Torres (*Vizella*)
 José Peixoto da Cunha Moreira (*Louzada*)
 José Ribeiro Guimarães (*Louzada*) (distincto)
 José Ribeiro Vieira de Castro (*Fafe*)
 José Torres (*Viana*) (distincto)
 Manoel B. d'Araujo Abreu (*Guimarães*)
 Manoel Francisco Sol (*Maia*)
 Manoel Gaspar Coelho da Motta Prego (*Guimarães*)
 Manoel Lopes Leite de Faria (*Felgueiras*)
 Luiz Augusto d'Araujo (*Braga*)

App. 23—Distinctos 4—Rep. 1

HISTORIA

Professor—P.^o *Antonio Henrique Gomes*

Examinandos

Alberto Ribeiro Jorge (*Guimarães*)
 Albino d'Azevedo Maiú (*Maia*)
 Antonio Dias Machado (*Porto*)
 Antonio M. Pinho e Souza (*Porto*)
 Fernando Mendes de Vasconcelos (*Amarante*)
 José Carneiro Leão Queiroz (*Paços de Ferreira*)

José Ribeiro Guimarães (*Louzada*)
 José Sumavielle (*Fafe*)
 Manuel Antunes d'Azevedo (*Villa do Conde*)
 Nicolau d'Arrochella Vieira Sodrê (*Chaves*)
 Luiz Augusto d'Araujo (*Braga*)
 Raymundo Antonio Ramos (*Mathosinhos*)

App. 10—Rep. 2

MATHEMATICA

Professor—P.^o *Domingos Dias de Faria*

Examinandos

Albano Gustavo de Mesquita (*Santo Thyrsó*)
 Alberto Pereira Leite de Maralhões (*Felgueiras*)
 Alberto Souza Moreira (*Famalicão*) (distincto)
 Arthur de Mello F. Pinto (*Ageda*)
 Carlos Ribeiro Borges (*Porto*)
 José Ribeiro Guimarães (*Louzada*) (distincto)
 Avelino Augusto V. Pinto (3.^o) (*Barrosas*)

App. 7—Distinctos 2

PHYSICA

Professor

P.^o *Firmino de Freitas R. de Faria*

Examinandos

Arthur de Mello Freitas Pinto (*Ageda*)
 Avelino Augusto Vieira Pinto (*Barrosas*) (distincto)
 Basilio Augusto Vieira Pinto (*Barrosas*)
 Francisco Dias d'Oliveira (*Lanhoso*)
 Serafim Fernandes de Lima (*Taipas*)
 Antonio Francisco Coelho (6.^o anno)
 Joaquim Herinano (6.^o anno) (distincto)

App. 7—Distinctos 2

(*Continúa*)

As aulas

De Portuguez e Francez para os alumnos que têm de fazer exame em outubro, principiam no dia 6 de agosto; as do Inglez, Geographia e Historia principiarão no dia 16.

A Direcção.

INSTRUÇÃO E CRIMINALIDADE

PROFESSORES E EDUCADORES

A proposito do caso do dynamitista do hotel Terminus, E. Henry, decapitado ha dias em Paris, escrevem alguns jornaes d'esta capital fazendo notar a circumstancia de ser elle bacharel tendo até cursado as aulas com aproveitamento.

Pergunta-se com interesse, se a instrução progressiva diminue ou não a criminalidade. «Eu podia, diz um collaborador do *Figaro*, ir consultar a tal respeito alguns sabios criminalistas, que não faltam em Paris; mas julguei preferivel, a proposito do bacharel Henry, saber as opiniões, não dos theoreticos, mas de certos homens praticos, como—juizes do crime e directores das prisões, unicos que nos podiam fornecer esclarecimentos acerca da repetição de casos analogos.

Pois a minha syndicancia junto d'esses magistrados, embora bastante rapida, não deixa de ser muito concludente. São mais numerosos do que se pensa os jovens que, sem appoio e sem guia na vida, entregues aos seus proprios instinctos, ficam desempregados, embora tenham ultimado os mais solidos estudos e dado as melhores esperanças.

E. Henry não é, pois, o unico.

Outros antes d'elle, munidos de bons diplomas teem tido o mesmo destino, tão pouco invejavel. Alguns juizes, que interroguei acerca dos casos analogos que tivessem julgado responderam-me citando alguns que não teem paridade com o crime de E. Henry, porque as dynamitisações são recentes.

Tive oportunidade de submetter a questão a um magistrado, tido e havido por todos como um dos mais brilhantes ornamentos do tribunal, e apreciado pelos seus muitos serviços a favor da justiça, M. A. Guillot.

Este eminente Juiz que viu desfilar ante elle tantas causas celebres, antes de chegarem á publicidade de audiencia,

citou-me o notavel caso de Barré e o de Lebiez, estudante de medicina.

Estes dois moços haviam assassinado a viuva Gillette para roubarem.

Lebiez muito instruido, já bacharel em sciencias, precisa de dinheiro para organizar conferencias socialistas, e associára-se para a execução do seu sinistro projecto, com o licenciado em direito Barré, que por seu lado tinha necessidade de dinheiro para a matricula e preparação das theses para o seu doutoramento.

Outro joven, muito mais recente, Anastay, assassinou a baroneza Dellard, quando acabava o curso da Eschola de S. Cyr, já bacharel. «Todos os dias, acerescenta o juiz M. Adolpho G., os magistrados do crime vêem comparecer deante d'elles individuos, cuja instrucção levada muito longe, não impediu a sua decadencia moral; elles são numerosos, infelizmente numerosissimos os bachareis, ou os mancebos, munidos de varios diplomas d'exames, que entram nas prisões por crimes da alçada da policia correccional, e outros que entram no jury por assassinatos; estes, porém, são mais raros. Consulte-se a estatistica official da criminalidade em França. Resulta d'esse documento que o numero de criminosos letrados excede muito, este anno, o numero dos que não sabem lêr nem escrever. Hoje já se não encontram analphabets senão em pequenas aldeias da França, e não é n'estas que se encontram os grandes criminosos.

Sempre tenho dito e repito: A instrucção tal como hoje é praticada está muito longe de produzir uma diminuição na criminalidade; quando mais se avança, tanto mais a experiencia de todos os dias me obriga a repetir esta affirmação.

Não chegámos ainda á perfeição da educação dos homens, estamos muito longe d'isso.»

Segundo a opinião d'este illustre magistrado, E. Henry foi attraído para o anarchismo pelo eloquent S. Favre, que exerce um in calculavel poder nos meios anarchistas; ninguem imagina o poder do seu prestigio oratorio e da sua cabeça. É impossivel imaginar uma arte mais surprehendente na arte de

fallar, uma habilidade e destreza mais surprehendente, mais segura, para envolver n'uma linguagem encantadora as mais perigosas theorias.

S. Favre, que tinha começado por dedicar-se ao sacerdocio, ter-se-hia tornado um prégador de primeira ordem, se não tivesse, durante o noviciado, ligado relações com certa mulher, que lhe prejudicou e interrompeu a carreira.

Ácerca da questão dos bachareis criminosos ouçamos o parecer, entre outros, d'um empregado do archivo judicial do *Palais de Justice*. Tambem este fuccionario tem podido verificar o augmento progressivo da criminalidade na classe instruida e «diplomada,,. O directer das cadeias de Mazas formúla a seguinte opinião:

“Recebemos muitas vezes entre os nossos prisioneiros, alguns bachareis, mancebos que receberam a melhor instrução. Estes são hoje em muito maior numero que outr'ora.,

Que conclusões se devem tirar d'estas observações (que resumimos muito e que exigiam grandes desenvolvimentos) senão que a instrução publica, tão desenvolvida em França, está pedindo que a completem por uma viril educação moral, a unica capaz de *faer bons* cidadãos?

Vê-se que os francezes que teem cursos de moral em todos os lyceus, que teem n'elles os respectivos capellães para darem o ensino religioso acham pouco e pedem mais alguma cousa.

Em Portugal não temos nada d'isto e vivemos muito indifferentes e descaçados ácerca do futuro da sociedade portugueza!... A politica é a sua unica preocupação.

II

“Abri escolas e tereis fechado as prisões; mobilisae as cabeças e não tereis de as cortar., Estes pretendidos axiomas estão-se tornando em paradoxos d'uma ironia cruel. As estatisticas mais rigorosas desmontram que a instrução não é uma garantia de moralidade, pois que os crimes augmentam, em proporções assustadoras e inquietantes, entre a geração no-

va que tem beneficiado das ultimas leis e reformas d'ensino. Ha menos analphabetos, mas ha mais almas pervertidas, mais vicios e crimes; os assassinatos, roubos, extorsões, abusos de confiança na alta finança, quebras fraudulentas, violações, etc., não teem diminuido ante a moderna diffusão das luzes; pelo contrario dir-se-hia, que ellas fornecem auxiliares preciosos e uma terrivel arma de combate aperfeiçoada.

Os governos teem feito esforços consideraveis, consentindo em sacrificios enormes para espalhar abundantemente a instrucção por todos os recantos, sem terem obtido os effeitos esperados e por elles prometidos; os resultados teem condemnado as mais brilhantes e apregoadas theorias; os oradores parlamentares, os auctores de leis e systemas novos, estão sendo desmentidos e violentemente esbofeteados pelos factos de todos os dias.

Os nossos jovens de 15 a 20 annos estudam muita coisa julgam-se muito mais sabios que os nossos avós, mas valem muito menos do que elles.

“A escola, a escola, eis a unica taboa de salvação,” gritava-se inda ha pouco de todos os lados; mas os mais bellos programmas e esperanças dos politicos, as mais sonoras formulas utopistas, estão hoje falidas, e é preciso moderar os seus enthusiasmos irreflectidos.

Não se vá, porém, concluir d'aquí, que nós queremos um movimento de retrocesso, e pedimos que se fechem as escolas. Não; queríamos sómente indicar em que termos conviria entender a instrucção publica, para que ella seja verdadeiramente educadora das almas e inspiradora da virtude.

Escusado é dizer que esta questão, enormemente complexa, não póde ser tratada integralmente nos acanhados limites d'um artigo de Revista. Simplesmente apresentamos á meditação do leitor as ideias que este problema tem sugerido.” (1)

O crime é o individuo em guerra contra a sociedade, um regresso á selvageria. Ora qualquer que seja a apinião que

(1) Rev. lit. de 5—8—93.

se tenha acerca da liberdade moral, em todos os casos e hypotheses, é forçoso reconhecer que a educação moral e intellectual exerce uma grande influencia sobre a orientação, que a nossa vida deve tomar, e que, por conseguinte, é necessario, urgentissimo preoccupar-se com o emprego dos meios adequados para que esta educação produza os melhores fructos sob o ponto de vista moral e social.

E' preciso então que todo o machinismo dos exercicios escolares vize antes de tudo e mais que tudo ao desenvolvimento e cultura das faculdades moraes da creança, e que os programmas d'ensino sejam larga e profundamente elaborados n'este sentido. Sem ser sacrificado, pois que é necessario, o lado puramente utilitario da instrução, deve elle ser relegado para o segundo plano, occupar o segundo logar no pensamento do legislador.

Ora é o contrario que se tem feito em Portugal; onde a cultura das faculdades moraes, nem o primeiro nem o segundo logar tem occupado nos programmas; não tem lá nenhum.

Como dizia De Maistre, «só temos parecido querer formar homens para o mundo, *des bêtes á charge*.»

O ensino não é apenas, como se julga, uma industriação mechanica apropriada exclusivamente ás necessidades materiaes da vida. Elle visa muito mais alto.

Mas d'onde procede esta falta e esta desorientação no modo de instruir a mocidade? Da falta de tempo, d'alumnos bem dotados, mestres aptos, dizem.

A primeira d'estas razões, não póde alegar-se. Se o tempo é pouco limitem-se ao que é indispensavel saber-se, e abandone-se resolutamente o resto.

É certo que tanto as mathematicas como a grammatica tem innegavelmente segredos, curiosidades muito interessantes; mas póde muito bem ser-se um homem honrado e utilissimo sem as conhecer todas até ás suas ultimas minudencias; e vice-versa, póde estar-se iniciado em todas as mysteriosas regras da concordancia do participio, e da genealogia das palavras, e não se ser capaz de bem pensar, nem aprender as regras de bem viver em sociedade.

Nem a grammatica nem a mathematica darão á creança a polidez, o respeito de si mesmo e do direito dos outros, o amor das bellas cousas, o sentimento das harmonias da natureza, a bondade e desejo de fazer bem, de auxiliar os seus similhantês. Essas sciencias são inhabeis a defender o mancebo contra os maus desejos, más leituras e exemplos perversores; ellas não lhe dizem nada ácerca do coração, a respeito da piedade, nem do amor da patria. São sciencias neutras, indifferentes ao progresso dos bons costumes, imparciaes e indifferentes entre a virtude e o crime.

Horas immensas são consagradas aos conhecimentos technicos ; ha um verdadeiro luxo de nomenclaturas, de lições sobre os vegetaes, os mineraes, etc. Os estudantes sabem até a composição chimica da flôr e das folhas e são inteiramente iniciados nos theoremas da mechanica. Ora tudo isso é muito bonito ; toda a sciencia é boa absolutamente em si ; tudo o que alarga os horisontes do pensamento é preciosissimo; mas seja-nos permittido lamentar que se occupem todas as horas d'aula, com problemas e exercicios que poderiam facilmente ser reduzidos a mais estreitas proporções, a um minimum indispensavel, afim de que restasse tempo aos professores para entreter os rapazes com outra cousa, que não seja o *maior divisor commum* ou as argucias grammaticaes.

Mas ha nos lyceus duas sciencias educadoras, a historia e a moral que faz parte da logica, póde dizer-se. E' verdade, mas a historia, como geralmente é ensinada, não passa d'um exercicio de memoria.

O seu principal fim deveria ser—mostrar que as virtudes sublimes, cujo ideal foi pintado por Corneille, eram reaes e podem vir ainda a sel-o; que os verdadeiros grandes homens são os que tiverem uma alma assaz generosa para se occuparem, primeiro que tudo, do bem da humanidade, calcando aos pés o egoismo, privativo dos homens d'hoje; que os heroes mais dignos de serem admirados são os que tiveram o genio da caridade, da fraternidade, da bondade. Eis o que se deve fazer sentir ás creanças. Faz-se isso ?

O professor poderá excitar no estudante o enthusias-

mo com a narração das grandes guerras, mas não lhes deixará ignorar o nome do divino Platão, dos homens bons.

Quanto á moral, o ponto de vista do seu ensino no lyceu é muito pouco elevado; apenas uma enumeração de deveres e em poucas horas; de direitos, mas isso não basta.

Outr'ora o ensino religioso e o ensino moral andavam associados e eram fundidos um no outro, hoje a escola divorciou se de tudo isso! E' a liberdade de consciencia que o quer assim! "Ensine o padre na sua egreja Deus e a immortalidade que os dogmas prégam,, diz-se; isso, porem, não impede que o professor fale de Deus em nome da consciencia e da razão natural, que ensine o valor da pessoa moral considerada como parte da cidade dos espiritos; que elle diga as esperanças que podemos ter n'uma justiça suprema; que defenda a moralidade contra as theorias dissolventes do materialismo actual, que mostre ser a caridade tanto como o respeito pelo direito, o laço da sociedade e a garantia do seu progresso. Faça sentir a seus alumnos, mesmo que sejam creanças, que ha n'elles duas cousas: materia e espirito; que este espirito é livre, responsavel do seu destino, auctor da sua felicidade ou da sua desgraça. Que bello e vasto campo d'acção se abre deante d'elle professor se quizer e souber arrancar-lhe as máservas e semear o bom grão (1).

E' uma necessidade da natureza humana libertar-se dos limites estreitos da realidade; em toda a alma brilha, com mais ou menos fulgor, a chama do ideal; cultive o professor esse instincto e dirija-o para o bem. Lembre-se constantemente que o seu papel é duplo, deve instruir e deve ser educador.

É indispensavel que o processo futuro de concursos para o magisterio illucidem acerca das aptidões do candidato para esse duplo papel, e que os jurys d'esses exames se não deixem illudir pelas artimanhas de qualquer candidato "imberbe,, por grandes que sejam as suas *habilidades* .

Não é a qualquer mocinho saído de fresco dos Cursos

(1) Rev. pol. et lit. idem.

superiores que a sociedade póde confiar a missão, que suppõe e exige tanta madureza d'espírito e seriedade de character,

São quasi umas creanças, que ás vezes se teem elevado ás graves funcções de director de meninos, quando seria para desejar que fosse um homem feito e perfeito, irreprehensivel na sua appresentação, nas suas maneiras e palavras, na sua vida, prégando d'exemplo em todas ns occasiões, e d'uma dedicação a toda a prova.

Quanto ás numerosas qualidades d'espírito necessarias ao educador, é preciso—uma razão infallivel, para dizer; um tacto e uma prudencia sempre álerta; uma paciencia que nada é capaz de cançar; deve pela firmeza, ao mesmo tempo que pela doçura persuasiva, levar os alumnos a amar os seus deveres, em todas as circumstancias da vida e a respeito de toda a gente

No quadro d'honra da escola, que é o seu livro d'ouro, deveria o professor preferir a virtude ao successo, não se deixando levar d'essa perversão lamentavel que hoje geralmente está mais disposta a honrar mais o espirito e o genio, do que a conducta virtuosa do alumno, quanto a sociedade actual precisa mais d'homens honrados do que de talentos geniaes; não faltam habeis calculadores homens espertos... de mais. Não disse ha dias um nosso ex-ministro d'estado que são os grandes talentos, *os sabios*, que nos teem perdido?

A. Coelho.

MEMENTO

Como? Não é da morte a troz rasoura
 Da egualdade o signal?!
 Ante ella potentado, humilde, rico,
 Pobre, o mesmo não val?
 Dos mortos na cidade porque vemos

Tão grandes distincções,
E até no *campo santo* se separam
Andrajos e brazões?
Alli, na cova rasa ou commum valla,
Sem nem um nome jaz
O que ignoto passou, quasi não visto,
A existencia fugaz;
Aqui, se erguem de altivo moimento
As columnas ao ceo,
E dourado epitaphio rememora
O que em pompas viveu!...

Ah! vaidade arrogante, orgulho insano,
Soberbas mundanaes,
Da morte o imperio temeroso e duro
Como invadir ousaes?
Este estreito recinto encerra quanto
Sobre a terra floriu,
Quanto encantara o espirito e os sentidos,
Quanto exultou, surriiu:
Belleza e fidalguia; honras dos velhos,
E dos moços vigor;
Saber dos doutos; chiste dos graciosos,
E dos bravos valor;
Grandezas do poder; dos bons virtude,
E piedade dos fieis;
Da opulencia esplendores, e do luxo
Brilhantes europeis...

Excavemos a terra nua e fria
D'aquelle humilde chão:
Que encontramos? Materia nanseante,
Fetida podridão!
O marmore precioso levantemos;
De dourado metal
A porta dessellemos; descubramos
Rica urna sepulchral:
Que encontramos? Materia nauseante,
Fetida podridão!
Tanto aqui como alli, horror sem nome,
Ruina e corrupção!
Espectaculo infando das miserias,
E glorias terrenaes,
Cuja cruel philosophia esmaga
O orgulho dos mortaes!

Ante esta universal, plena egualdade,
Lembra-te, homem, que és pó,
E ao pó reverterás; qual é, não fica
 Nem um atomo só!

Mas não volve o homem *todo* á terra immunda;
 O corpo inferno, sim:
 Por destino a alma tem ventura eterna,
 Ou desdita sem fim.
 Despreze pois em si o que é caduco,
 Salve o que immortal é;
 N'esta, o guie á existencia de alem campa
 Vivo fanal da fé;
 O aroma das virtudes embalsame
 O espirito não só
 No dia do terror, mas purifique
 O proprio infecto pó.

Lisbon—Fevereiro de 1894.

A. Moreira Bello.

POEMETOS

O SOLDADO

III

Carlos, longe da mãe, vivia triste, muito triste, sempre triste.

O bafio da caserna, tresandando a vinho e a tabaco, nauseava-o.

As conversas dos camaradas, de calão muito baixo, peçonhentas, arregateiradas, intedeavam-no.

A vida, n'aquelle meio, a tantas leguas dos entes mais caros, era-lhe quasi insupportavel, figurava-se-lhe calvario de ascensão impossivel.

Chorou e muito, chorou de saudade.

Lembrava-se da mãe, que se despedira d'elle, os olhos marejados de copiosas lagrimas, a voz entalada pelos solu-

ços, tremula, amparada nos braços da noiva do seu querido filho!

Quem sabe como ella estava agora? Talvez no leito da dôr, moribunda, muito desbotada e muito magrinha, esquelectica, a pender para a cova.

Talvez ainda ajoelhada diante da Virgem a pedir-lhe pelo seu Carlos, que lá fôra, roubado aos seus carinhos, a combater o inimigo—o inimigo que era um irmão.

Lembrava-se d'aquelle ar tão puro e reconfortante das montanhas da sua aldeia, aquelle ar que elle bebia a largos haustos, logo de manhã, muito cedo, apascentando o gado, nedio que elle comprara havia um anno, na feira dos Santos!

Lembrava-se da paz do seu lar, da alegria e tagarelice que reinavam em sua casa, quando os visinhos lá iam se-roar, o vento esfusiando fóra, o frio inteiriçando o noctivago, e elles muito agasalhados, muito conchegados na quentura das achas que fumegavam na lareira!

Lembrava-se da sua noiva, da sua promettida, a filha do seu padrinho, um lavrador remediado!

Lembrava-se d'ella, uma mocetona muito trabalhadeira, de costumes sem mancha, tratando de casa, com todo o afan, sempre diligente e sempre alegre!

Viu-lhe lagrimas, quando foi da despedida.

Elle estendeu-lhe a mão que tremia, e ella murmurou-lhe por entre soluços: — Tua até á morte; confia no céu e espera resignado.

Estas palavras, recordadas agora, acalmavam-lhe por momentos a sua grande dôr.

Mas logo chorava e chorava muito, chorava de saudade.

Olhava em volta de si e via tudo insensivel ao seu padrecer.

Os outros chasqueavam, riam com um riso sarcastico do que elles chamavam *pieguices*.

Se elles se embriagavam com sangue de irmãos!...

Queria ar, mas ar puro, bem oxygenado, ar que o tonificasse, que o retemperasse para a lucta pela vida, para o

trabalho de todos os dias, para o rude moirer de campo.

Queria liberdade, mas a liberdade que fruía na sua aldeia, a liberdade que se gosa de enxada em punho sob os ardores do sol, arroteando montes, fazendo pelas novidades, a liberdade que faz os *bons* e os *fortes*.

Sem esse ar e sem essa liberdade, chorava e chorava muito, chorava de saudade.

—Confia—murmurara-lhe ella.

As lagrimas seccavam-se então e vinha a serenidade, uma serenidade que era uma tregua.

Teve momentos de profundo desalento.

Lembrou-lhe fugir e ir abraçar a mãe e chorar com ella muitas lagrimas, todas as lagrimas, até se estancarem.

Mas isso era uma cobardia, uma traição, um crime e elle tinha brios, tinha um coração nobre, tinha sentimentos de pundonor e honradez.

Ficou; a honra, o dever reteve-o ali, firme no seu posto, ás ordens do superior.

Quiz participar da alegria dos seus camaradas, beber a largos tragos na taça dos prazeres e aproximou-se-lhes.

Receberam-no de braços abertos, achegaram-o do cairel do abysmo e tentaram arremessar-o á voragem.

No momento do maior perigo fez-se luz clara em seu espirito.

Viu o tremedal em que ia espojar-se, teve medo, teve nojo e recuou.

Fez-se solitario, passou a viver só com as suas saudades então mais vivas que nunca.

Fazia dó vel-o nas horas de abatimento. Emmagrecera e fizera-se pallido.

Já não era o moço robusto d'outros tempos, que levantava em peso, sem grande esforço, a charrua, aos domingos, na eira, em compita com outros rapazes da sua idade.

Nunca lhe levavam a palma.

Elle vencía os sempre e sorria-se modestamente.

Tinha um coração de anjo. Era muito bom, havia de soffrer muito. E soffria, soffria como poucos; soffria dupla-

mente; soffria por si e soffria pelos seres que tanto amava.

E soffrer pelos outros, muito longe d'elles, sem noticias, a duvida empolgando a alma, custa muito mais, centuplicadamente mais que soffrer por nós mesmos.

Sentimo-nos morrer pouco a pouco, vagarosamente, minados por uma febre intermittente.

Vivemos de sobresaltos, de esperanças e de desenganos.

E este viver assim, este cair amiudado dos paramos azues d'uma esperança fagueira na raso escuro d'um triste desengano, faz muito mal.

Carlos vivia assim. Alimentava-se só d'uma esperança—vêr terminada em breve a guerra e logo, logo ir, voar para a sua czinha, lançar-se nos braços da mãe e depois, muito contente, louco d'alegria, levar a sua noiva á igreja para o senhor padre cura os unir e abençoar.

Mas... tambem esta flôr—a esperança, murchou crestada pelo sol—a realidade.

No alto Minho a guerra reavivara-se. Os revoltosos tinham-se apoderado d'alguns castellos.

O regimento em que militava Carlos, um dia, ao cair da tarde, recebeu ordem de marcha.

Collegio S. Damaso

Henrique Gomes.

Os systemas phrenologicos

Muitas tentativas se teem feito para reduzir a sistema scientifico e philosophico os muitos dados organicos que estampam mais ou menos claramente as modalidades, energias,

tendencias, inclinações, faculdades do espirito. Que esses porfiados tentames fazem um fim de alta utilidade é de intuição primeira: tudo haveria a lucrar em conhecer pela mera inspecção de alguns traços phisionomicos, pela abertura d'um angulo facial, pela proeminencia d'uma bossa, pelas linhas e proeminencias das mãos e dos dedos, pelo modo de andar, etc., o que valha o espirito que dentro habita. Todavia forçoso é confessarmos não ter ainda podido a sciencia assentar em tal campo bases de firmeza inconcussa: tudo o que ali se vê levantado repouza tão sómente sobre o agitado areal das hypotheses. Não vá ainda assim sem registro, que entre as hypotheses innumeradas, algumas ha que se adiantam muito na via das probabilidades, e tanto basta para que o nosso espirito se sinta grato a quem lhes deu a luz de suas locubrações. A hypothese é a santa precursora da verdade; se lhe quizessemos chronicar a missão gloriosa, teriamos de ir sacudir o pó ao grande e velho inventario de todas as sciencias.

Entre as tentativas phrenologicas tres avultam: o angulo facial, a physiognomia e a craneoscopia.

A craneoscopia visa a determinar pela configuração do craneo e pelas bossas e depressões que á superficie elle apresenta, o volume das differentes partes do cerebro. Foi Gall o inventor d'este systema. Segundo elle, cada faculdade e instincto teria seu centro especial, que desenvolvendo-se produziria as bossas que permittiriam adivinhar o espirito como se adivinha o conteudo d'um sacco palpando-o. Foram no enalço do inventor os seus discipulos Spurzheim e Broussais. Não obstante os porfiados estudos d'estes eminentes phrenologistas, a theoria continúa sem bases que lhe conquistem o brazão da sciencia. Além do mais, fundamenta-se n'um principio muito contestavel, pois não é regra que a caixa craneana na sua superficie externa correspondã á fórma interna do cerebro e a constatação experimental não tem dado aviamento algum á theoria das bossas, antes lhe tem dado um completo desmentido.

Soem os phrenologistas fazer a seguinte classificação das faculdades correspondentes ás bossas:—

a) *faculdades animaes*—amatividade, philogenitura, concentração, amor da patria, sociabilidade, energia, destruição, dissimulação, egoismo, habitatividade.

b) *faculdades affectivas*:—o orgulho, vaidade, circumspecção, benevolencia, piedade, character, esperanza, justiça, verdade, religião, poesia, alegria, graça, imitação.

c) *faculdades intellectuaes*:—espírito d'observação, memoria das fórmãs, dos logares, dos numeros, dos nomes proprios, sentido da extenção, do peso, de côr, desejo de viajar, calculo, ordem, espirito de deducção, medida do tempo, melodia, linguagem, comparação, causalidade, philosophia.

A Fisiognomia funda-se em que o rosto é a photographia do espirito, o seu retrato fiel; por isso tenta descobrir pelos traços da fisionomia as faculdades, character, instinctos, paixões, etc. Não attingiu tambem ainda este sistema a solidiez e generalisação que dados scientificos jamais dispensam.

Foi Aristoteles quem primeiro systematisou esta tentativa: modernamente foi o assumpto tratado por Abano, Miguel Lescot, Lachambre, Porta e finalmente por Lavater.

O estudo da Fignomia é muito interessante e util mas quem cegamente lhe presta fé expõe-se a muitas prevenções, juizos injustos e erros. Ainda na hypothese de repoisar em fundamentos scientificos necessita a Fisionomia de levar em conta a grande influencia da educação, da vontade e dos habitos e da dessimulação no character dos individuos.

Os mais notaveis traços fisionomicos indicadores das faculdades do espirito são:

A Fronte

larga, indica imaginação, genio;

alta, espirito de synthese, mathematico;

grande e direita, intelligencia;

mais estreita em cima do que em baixo, astucia, manha;

estreita e baixa, estupidez, criminalidade.

Os olhos

que fixam de frente, lealdade, franqueza;

pequenos e penetrantes, dissimulação, fraqueza;
pequenos, muito redondos, espirito vivo;
pardos escuros, intelligencia;
de côr clara, doçura, irreflecção.

O nariz

grego, pouca intelligencia;
grande, energia, ambição;
grosso, pouco proeminente, bondade;
afilado, versatilidade, imaginação;
curto, narinas largas e moveis, sensibilidade.

Os labios

grossos, sensualidade;
delgados, mordacidade;
o superior sobrepondo-se ao inferior, affectividade, dominio;
o inferior ao superior, malvadez, avareza.

Os dentes

pequenos e curtos, espirito penetrante;
salientes, pouca intelligencia;
grandes, unidos e brancos, audacia, lealdade;
agudos e apertados, desconfiança, inveja.

O melhor conselho que se pode dar quanto ao uso da physiognomonia é não julgar por uma ou outra feição, mas considerar sempre o conjuncto. Uma phisionomia indistincta, apagada, indica fraqueza e bondade. Traços bem caracterisados, distinctos, indicam energia, intelligencia, sentimento da personalidade. Alem d'isso deve-se tomar em alta consideração a educação e os habitos.

A angulo facial como medida da intelligencia não tem o grande valor que lhe consignou. Camper, naturalista holandez, porque nem sempre accusa o volume do cerebro e raras vezes indica a sua conformação.

Antonio Hermano.
